**João da Cruz e Sousa**

**AFRA** *(Broquéis)*

Ressurges dos mistérios da luxúria,

Afra, tentada pelos verdes pomos,

Entre os silfos magnéticos e os gnomos

Maravilhosos da paixão purpúrea.

Carne explosiva em pólvoras e fúria

De desejos pagãos, por entre assomos

Da virgindade – casquinantes momos

Rindo da carne já votada à incúria.

Votada cedo ao lânguido abandono,

Aos mórbidos delíquios como ao sono,

Do gozo haurindo os venenosos sucos.

Sonho-te a deusa das lascivas pompas,

A proclamar, impávida, por trompas,

Amores mais estéreis que os eunucos!

**LUBRICIDADE** *(Broquéis)*

Quisera ser a serpe venenosa

Que dá-te medo e dá-te pesadelos

Para envolver-me, ó Flor maravilhosa,

Nos flavos turbilhões dos teus cabelos.

Quisera ser a serpe veludosa

Para, enroscada em múltiplos novelos,

Saltar-te aos seios de fluidez cheirosa

E babujá-los e depois mordê-los...

Talvez que o sangue impuro e flamejante

Do teu lânguido corpo de bacante,

Da langue ondulação de águas do Reno

Estranhamente se purificasse...

Pois que um veneno de áspide vorace

Deve ser morto com igual veneno...

**TULIPA REAL** (Broquéis)

Carne opulenta, majestosa, fina,

Do sol gerada nos febris carinhos,

Há músicas, há cânticos, há vinhos

Na tua estranha boca sulferina.

A forma delicada e alabastrina

Do teu corpo de límpidos arminhos

Tem a frescura virginal dos linhos

E da neve polar e cristalina.

Deslumbramento de luxúria e gozo,

Vem dessa carne o travo aciduloso

De um fruto aberto aos tropicais mormaços.

Teu coração lembra a orgia dos triclínios...

E os reis dormem bizarros e sanguíneos

Na seda branca e pulcra dos teus braços.

**NÚBIA** *(Missal)*

Amar essa núbia – vê-la entre véus translúcidos e florentes grinaldas, Noiva hesitante, ansiosa, trêmula, tê-la nos braços como num tálamo puro, por entre epitalâmios; sentir-lhe a chama dos beijos, boca contra boca, nervosamente – certo que é, para um sentimento d’Arte, amar espiritualmente e carnalmente amar.

Beleza prodigiosa de olhos como pérolas negras refulgindo no tenebroso cetim do rosto fino; lábios mádidos, tintos a sulferino; dentes de esmalte claro; busto delicado, airoso, talhado em relevo de bronze florentino, a Núbia lembra, esquisita e rara, esse lindo âmbar negro, azeviche da Islândia.

O seu sangue quente, aceso em púrpuras de luxúria, através da pele sombria e veludosa, recorda avermelhamentos de aurora dentre uma penumbra de noite, como o deslumbramento boreal das regiões polares...

No entanto, amar essa carne deliciosa de Núbia, ansiar por possuí-la, não constitui jamais sensação exótica, excentricidade, fetichismo, aspiração de um ideal abstruso e triste, gozo efêmero, afinal, de naturezas amorfas e doentias.

Senti-la como um desejo que domina e arrasta, querê-la no afeto, para fecundá-lo e flori-lo, como uma um desejo que domina e arrasta, querê-la no afeto, para fecundá-lo e flori-lo, como uma semente d’ouro germinando em terreno fértil, é querer possuí-la para a Arte, tê-la como uma página viva, veemente, da paixão humana, vibrando e cantando o amor impulsivo e franco, natural, espontâneo, como a obra d’arte deve vibrar e cantar espontaneamente.

Crescida, desenvolta aos poucos no meio culto, entre relações de simpatia inteligente e harmônica, sob um sol saudável de cuidados, de apuro de tratos e de maneiras, que tornou mais leve e penetrante, iluminando, o seu cérebro simples, de ignorância ingênua, a Núbia abriu em flor de carícia, alvorou com a doce meiguice dos tipos galantes e preclaros de mulher e recebeu também, em linhas de conjunto, do mesmo meio onde desabrochou, essa suavidade e graça núbil que é todo o encanto vaporoso, aéreo, do ser feminino.

No seu rosto oval, de uma penugem sedosa de fruto sazonado, há, por vezes, certa expressão de melancolia, de cisma dolorosa, que punge e contrista; o tênue, já quase apagado raio errante de uma lembrança vaga – como se Ela de repente parasse na existência e se sentisse no vácuo, perdida e só nos caminhos desolados, desertos, de onde veio outrora, sem leito e em lágrimas, a caravana gemente da sua raça...

Então, nesses momentos em que um dolorimento secreto, misterioso, a conturba e magoa, Ela parece serena divindade aureolada de martírios, macerada de prantos; e é talvez bem pequeno, bem frágil todo o amor do mundo para proteger, para amparar, como que numa redoma sagrada de Misericórdia, essa humilde criatura que o fatalismo das forças fenomenais da Natureza condenou à indiferença gelada e à desdenhosa ironia das castas poderosas e cultas.

Assim, adorá-la em compunção afetiva, trazê-la no coração como relíquia rara num relicário estranho, claro é que não significa banal emoção transitória, que o rude desdém da análise fria pode, apenas com um golpe brusco, extinguir para sempre.

Essa emoção, esse amor, cada vez mais profundo e espiritualizante, penetra impetuoso no sangue como a luz e o ar, deliciando e ao mesmo tempo afligindo como a Idéia e a Forma igualmente deliciam e afligem...

E, nem mesmo, no fundo íntimo de qualquer ser tocado de uma intuição maravilhosa da origem terrestre da felicidade podem resplandecer, mais do que a Núbia, as belezas de neve da Escócia e da Irlanda ou as formosuras originais e flagrantes da Armênia e da Circássia.

Tudo ela possui de luminoso e perfeito, como a noite possui as Estrelas e a Lua, visto e sentido tudo através da harmonia espiritual, da alta compreensão requintada e subjetiva de quem a ama e deseja.

A sua alma, de forma singela e branca de hóstia, tem ritmos de bondade infinita, meigas claridades brandas e consoladoras de piedade e enternecimento, e a sua voz sonorizada, com a vivacidade nervosa e o alado timbre argentino, claro e fresco, de um gorjeante cristal de pássaro, derrama por toda a parte a música emocionante, sugestiva e curiosa, de violino afinado...

E nenhum peito dedicado de nobre dama medieval nobiliárquica será mais gentil e dedicado que o seu peito, donde jorra, com firmeza e força, em onda original, talvez manado dessa simpleza de obscuridade, um inefável sentimento verdadeiro e virgem como o tenro broto verde dos arbustos.

Ela é a Núbia-Noiva, singular e formosa, amada com religioso fervor artístico, com a fé suprema, a unção ritual dos evangeliários do Pensamento; e todo esse feminino ser precioso brota agora em exuberâncias de afeto, em pompa germinal de extremos lascivos, floresce em rosas juvenis e polínicas de puberdade, abertas sexualmente nos seios pundonorosos e pulcros...

**TENEBROSA** *(Evocações)*

Alta, alta e negra, de uma quase gigantesca altura, torso direito e forte, retesada na espinha dorsal como rígido sabre de guerra; colo erguido de ave pernalta, aprumado, gargalado e toroso; longos braços roliços, vigorosos, caídos, como extensas garras de falcão, ao amplo dos quadris abundantes e de linhas serenas, esculturais, de soberana estátua de mármore – semelhas bem uma noturna e carnívora planta bárbara, ardente e venenosa da Núbia.

Olhos grandes, largos, profundos, cheios de tropical sensualismo africano e abertos como estrelas no céu da refulgente noite escura de ébano polido do rosto redondo – alta, alta e negra, de uma quase gigantesca altura – lembras também o astro nublado, caliginoso da Paixão, girando na órbita eterna da humanizada dolência da Carne, como mancha na luz, ou soturna mulher da Abissínia, cujos luxuriosos sentimentos panterizados sinistramente gelaram e petrificaram na muda esfinge dos secos areais tostados.

E eu quisera possuir o teu amor – o teu amor, que deve ser como frondejante árvore de sangue dando frutos tenebrosos. O teu amor de ímpetos de fera nas brenhas e nas selvas, sobre os broncos, graníticos penhascos, na cáustica solar de exóticos climas quentes de raças tropicalizadas na emoção, porque tu és feita do sol em chamas e das fuscas Areias, da terra cálida dos desertos ermos...

Quisera possuí-lo – inteiro, estranho, eterno, esse amor! E que me parecesse, se o possuísse e o gozasse, possuir e gozar o Mar, ter dentro de mim o oceano coalhado – como a minh’alma está coalhada de sonhos – de navios, de iates, de escunas, de lugares, galeões,

naus e galeras, por uma tormenta avassaladora em que trovões formidáveis e cabriolas elétricas de raios fosforescentes, brechando o firmamento, sacudissem, num brusco arrepio proceloso, o túmido colo crespo e ululante das Vagas.

Quisera amar-te assim! E que nesse Mar tormentoso, sob a angustiosa pressão dos elementos, a um cabalístico sinal meu, como se absoluto poder me houvesse constituído o Deus terrível e supremo da Terra – iates, navios, lugares, escunas, naus e galeras, conduzindo toda a humanidade a várias regiões do monstruoso mundo, de repente soçobrassem juntos, subitamente se afundassem nas goelas hiantes do Mar escancarado, abismante, tremendo...

Nós dois, então, fulminados pelo mesmo raio, batidos, esporeados pelo mesmo estertoroso trovão, seríamos arremessados ao seio glauco do oceano, abraçados na extrema contração espasmódica do gozo, indo dar às ilimitadas praias do Ideal os nossos cadáveres, ainda fortemente, desesperadamente unidos, enlaçados, presos, como se a derradeira agonia cruciante da sensualidade e da dor houvesse justaposto os nossos corpos na fremência carnal dos alucinados sentidos!

Alguma coisa de aventuroso – fantástico, como o espírito de Byron, aceso pela caricatura viva de uma deformação física; alguma coisa de estranho e satânico como Poe, tantalizado também pelas agruras da ironizante matéria, e por isso mesmo ainda mais esfuziante e flamejante; alguma coisa, enfim, de infernal, de diabólico, de luminoso e tétrico, ficaria então para sempre esvoaçando e pairando em torno da nossa memória, sobre o Nihil das nossas vidas, como sinistra ave desgarrada de outras ignotas regiões inacessíveis e cujo canto soturno e maravilhoso reproduzisse a magoada plangência da harpa misteriosa dos nossos sentimentos, infinitamente vibrando e soluçando através do lento desenrolar das longas eras que passam.

Quisera amar-te assim! Vibrado ao sol do teu sangue, incendiado na tua pele flamante, cujos penetrantíssimos aromas selvagens me alvoroçam, entontecem e narcotizam. Assim amar-te e assim querer-te – nua, lúbrica, nevrótica, como a magnética serpente de cem cabeças da luxúria – os olhos livorescidos, como prata embaciada; a fila rútila dos rijos dentes claros cerrada no deslumbramento, no esplendor animal do coito; os nervos e músculos contraídos e os formosos seios de cetinoso tecido elevados como dois pequenos cômoros negros, cheios de narcotismos letais, impundonorosamente nus – nus como todo o corpo! – excitantes, impetuosos, tensibilizados e turgescidos, na materna afirmação sexual do leite virgem da procriação da Espécie! E que a tua vulva veludosa, afinal! vermelha, acesa e fuzilante como forja em brasa, santuário sombrio das transfigurações, câmara mágica das metamorfoses, crisol original das genitais impurezas, fonte tenebrosa dos êxtases, dos tristes, espasmódicos suspiros e do Tormento delirante da Vida; que a tua vulva, afinal, vibrasse vitoriosamente o ar com as trompas marciais e triunfantes da apoteose soberana da Carne!

Assim, arrebatado no teu impulso fremente de águia famulenta de alcantiladas montanhas alpestres, eu teria sobre ti o poderoso domínio do leão de majestosa juba revolta, amando-te de um amor imaterial, sob a impressão miraculosa de transcendente sensação, muito alta e muito pura, que se dilatasse e ficasse eternamente intangível sobre todas as vivas forças transitórias da terra.

Então, na cela mística do meu peito, como num sacrário, eu sentiria passar em vôos brancos esse grande Amor espiritualizado, estrela diluída em lágrimas, lágrimas convertidas em sangue, como a expressão de um sonho, ao mesmo tempo carnal e etéreo, humano e divino, que palpitasse, vivesse no meu ser e me trouxesse o travo, o sabor picante e amarguroso da Dor, que é a consagração, a perfeita essência do Amor.

Seria esse um requintado gozo pagão, cujo aroma enervante e capro, como o aroma selvático que vem do bafo morno e do cio dos animais das africanas florestas virgens, embriagasse o meu viver, desse ao meu espírito a alada forma de pássaro e desse à Arte que cultualmente venero, a pompa larga e bravia desse teu bufalesco temperamento e o resistente bronze inteiriço e emocional do teu nobre corpo de bizarro corcel guerreiro ó alta, alta e maciça torre de treva, de cuja agulha elevada, esguia, aguda e expirante no Azul, o condor do meu Desejo vertiginosamente trêmula e vai as asas ruflando em torno...

MATER

Naquela hora tremenda, grande hora solene na qual se ia inicar outra nova vida, foi para mim uma sensibilidade original, um sofrimento nunca sentido, que me desprendia da terra, que me exilava do mundo, tal era o choque violento dos meus nervos nesse momento, tal a delicada e curiosa impressão de minh’alma nesse transe supremo.

Ela, abalada por gemidos, na dor que a dilacerava, quase desfalecia, com a mais rara expressão misteriosa nos grandes olhos, os lábios lívidos, o semblante de uma contemplatividade de martírio, transfigurada já pela angústia sagrada daquela hora, no instante augusto da Maternidade.

Todo o meu ser, arrebatado por essa imensa tragédia de sacrifícios, de abnegação cristã, de heroísmos incomparáveis, sofria com o estranho ser da Mater toda a amargura infinita do majestoso aparato da Vida prestes a surgir do caos, da chama palpitante, prestes a irromper da treva...

Como que outra natureza, uma paixão viva e forte, um carinho maior me inundava, subia vertiginosamente pelo meu ser, me incendiava numa onda flamante de luz virginal, de claridade vibrante, que me trazia ao organismo alvoroçado rejuvenescimentos inauditos, mocidade viril, poderosa, alastrando em seiva fremente de sensações, nervosamente, nervosamente impulsionando o sangue.

Às vezes ficava como que num vácuo, só, numa sinistra amplidão vazia de afetos, sob o letrismo de correntes invisíveis que me prendiam, me arrastavam ao pensamento da Morte, ao auge do dilaceramento, da aflição, do delírio despedaçador da lembrança de vê-la morta, sem estremecimentos de vitalidade; sem que as suas mãos cheias de afago, as suas mãos dementes, bem-aventuradas, misericordiosas, perdoadoras, sagradas, relicariamente sagradas, me acariciassem mais; sem que os seus braços longos, lentos, lânguidos, me acorrentassem de tépidos abraços; sem que o contacto dos meus beijos apaixonadamente profundos a acordasse, – fria, insensível, horrível, gelada ao meu clamor de adeus, ao meu grito tenebroso, tremendo, de leão despedaçado, ferido pela flecha envenenada de uma dor onipotente, rojado de bruços, baqueando em soluços sobre a terra maldita e bárbara!

De súbito, porém, as lancinantes incertezas, as brumosas noites pesadas de tanta agonia, de tanto pavor de morte, desfaziam-se, desapareciam completamente como os tênues vapores de um letargo...

E uma claridade inefável de madrugadas de ouro, alvorecida das aves brancas de um país sideral, apagava em mim a dor fria, exacerbante, desses pensamentos impacientes e torvos; dava-me o vigoroso alento, a grande esperança de que ela sobreviveria, de que ela sentiria, com Orgulho sagrado, nesse primeiro movimento da Maternidade, correr nas veias todo o impulso delicioso e nobre, toda a delicada aptidão ingênita, poderosa, profunda, para amamentar, fazer florir e cantar no hostiário sacrossanto dos seus seios, aquela doce e vicejante existência que na sua atribulada existência se gerara.

E toda a antiga e virtual castidade, a adolescência promissora, prenuncial, o mago segredo púbere da sua passada virgindade se transfigurariam na opulência, no fausto de sensibilidade, de nervosidade, da complexa paixão materna.

Mas o momento da angústia suprema se aproximava, fazia-se uma pausa religiosa nesse monólogo mental que me agitava em febre, na concentração aflitiva dos meus pensamentos – agora mudos, no reverente silêncio, na ansiedade calada de quem espera...

Era chegado o momento, grande, grave e belo momento entre todos, em que a mulher, perdendo a volubilidade, a gracilidade diáfana e o alado encanto de virgem, se transfigura e recebe uma auréola, um sério resplendor de nobre martírio, de simpático consolo, envolve-se numa sombra e num silêncio de piedade e de sacrifício, num Angelus abençoado de amor.

Era chegado o momento em que aquelas formas se espiritualizavam, se eterizavam, tomavam asas de sonho, inflamadas por um novo e alto sentimento, tão tocante e tão augusto, que parecia afinado e fecundado nos céus pela graça divina e peregrina dos anjos. É quando a mulher parece desprender-se, libertar-se suave e secretamente da argila que a gerou e criar para si, solenemente, uma esfera perfeita e eleita de abnegação infinita e de resignação sublime. Quando os seus seios magnificentes, nos renascimentos da Beleza, símbolos delicados da maternal Ternura, florescem à vida dos pequenos seres que nascem, numa alvorada carinhosa e tépida de agasalho, amamentando-os com o néctar delicioso do leite.

Nessa hora extrema em que parece desprenderem-se da mulher, desatarem-se, evaporarem-se véus translúcidos de virgindade, para surgir, como de um caule misterioso, a meiga e mágica flor da Maternidade.

Todo aquele organismo fecundado estremecia, estremecia, nesse inicial e materno estremecimento virgem, vagamente lembrando as fugitivas vibrações nervosas de sonora harpa nova, de ouro puro, original e intacta, pela primeira vez vibrada com excepcional emoção por dedos inviolados e ágeis...

E, em pouco, então, como num suntuoso levante de púrpuras, através de gemidos pungentes, de gritos e ânsias delirantes, a cabeça docemente pendida numa contemplativa amargura, os olhos adormentados pelas brumas crepusculares e lacrimosas de um ressentimento vago, magoado e esmaecida toda a suave graça feminina, na extrema convulsão do corpo dela, todo aquele surpreendente fenômeno foi como que acordando, alvorecendo, surgindo das névoas mádidas e sonolentas, letárgicas, de pesadelo... E a flor maravilhosa e rubra da matéria, gerada na imensa dor, abriu, enfim, em prodígios, pomposamente.

Numa apoteose de sangue, respirando o sangue impetuoso, abundante, que jorrava em auroras, em primaveras vermelhas de viço germinal, raiara como clarão aceso de Vida, num grito íntimo, latente, do seu tenro organismo elementar ainda – um grito talvez selvagem, um grito talvez bárbaro, um grito talvez absurdo, arremessado para além, ao Desconhecido do mundo em cujos dédalos intrincados esse delicado ser acabara de penetrar agora por entre ensangüentamentos.

Parecia que de uma zona fantástica, dessa Índia ouro e verde, opulenta, feérica, como caprichoso tesouro de Lendas e de Baladas, alvorara o Encanto, criara asas e viera, com o pólen radiante da fecundação, insuflar a vertigem, dar o fremente sopro criador à cabeça, aos olhos, à boca, aos braços, ao tronco, a todo o corpo num movimento quebrado, voluptuoso, lânguido, de germens que se concretizam, que se condensam e vão adquirindo aos poucos, com infinitas delicadezas e inefabilidades, todas as formas perfeitas, todas as linha dúcteis, todas as curvas e flexibilidades sensíveis, todas as fugitivas expressões corretas e harmoniosas.

Ali estava aquele vivo e eloqüente rebento, iluminado pelos idealismos da minh’alma, vivendo dos florescimentos olímpicos, da alacridade cantante, do ruído em festa, da imaculada frescura da minha livre e forte alegria antiga de adolescente.

Ali estava, para o meu amor sereno, para o consolo meditativo das minhas grandes horas de anseio, para o recolhimento ascetérico da minha fé estesíaca, a Imagem palpitante, gárrula, trêfega, da Infância já passada.

Ali estava agora a vida desabrochante, o encanto alegre, aflorado, ridente – hino viçoso e verde e virgem e evocativo e sugestivo de uma ventura morta, saudade intensa, chamejante, como que espiritualizada no Filho, rememorando, evocando, numa expressão elegíaca, todos esses longínquos, remotos e significativos deslumbramentos, cânticos, miragens, sóis e estrelas da primeira idade tão enternecivelmente assinalada.

Era como que a retrospectividade luminosa de um tempo, que subia, em incensos, de um fundo enevoado: terra sagrada e extinta, saudosa e verdejante Palestina que eu entrevia longe, nas brumas vagas da memória, dentre hosanas e sicômoros; – página recordativa que as estrelas e os aromas docemente fecundaram de amor e de sonhos.

E eu ficava por muito tempo a olhá-lo, a olhá-lo, a rever-me na frescura cândida daquela carne, a aspirar com avidez o perfume violento daquela flor viva, considerando, meditando sobre todos os seus traços, sobre a expressão curiosa, de pequenina múmia, do seu corpo veludoso, como que embalsamado no óleo virtuoso de preciosas ervas verdes e virgens.

Ali estava, enfim, quem me tornava de ora em diante soturno, calado, no êxtase mudo da contemplação, como sob o impressionante poder cabalístico, sob a eloqüência vidente de hieróglifos mágicos...

E, assim mentalmente considerando, eu sentia o mais reverente, o mais profundo, o mais concentrado respeito, o afeto mais vibrantemente tocante, aureolado de lágrimas, pelo templo majestoso e santo daquele belo ventre, onde enfim se oficiara a primeira Missa de Propagação perpétua.

Todas as perfeições espirituais do ser que se liberta da materialidade vil, todos os anseios supremos pelas formas intangíveis das transcendentes sensibilidades, me transfiguravam, contemplando em silêncio aquele ventre precioso e bom, onde tomara corpo, se consolidara em organismo o gérmen quente e intenso da Paixão.

Contemplando em silêncio aquele ventre venerando e divino – Vas honorabile! – de onde o sentimento épico e místico das sempiternas Abnegações ondulou como aroma eterno e celeste; ventre gerador e poderoso que se purificara e sagrara triunfalmente com os sacrificantes milagres da Fecundação; Olimpo glorioso que abrira os pórticos fabulosos à dominativa emoção, à fantasia heróica, à graça d’asas seráficas, do Gênio consolador, estóico e elíseo das amparadoras, misericordiosas Mães!

Ó Ventre obscuro e carinhoso, soberbo e nobre pela egrégia função de gerar! Ventre de afetivas sublimidades, donde cantou e floresceu à luz a dolente vitória de uma existência, a encarnação soberana, a fugitiva tulipa negra para idealizar singularmente os Infinitos nostálgicos da minha Crença! Ó Ventre amado.

Como foram extremamente puros e penetrantes e frementes os beijos de apaixonada volúpia e reverência sacrossanta que eu depus sobre o teu ébano! Em torno, no ambiente carregado da intensidade de toda essa maravilhosa sensação, errava o segredo ritmal de Litanias, de preces que Visões rezavam baixo, por Céus inefáveis, num abrir e fechar d’asas arcangélicas, d’asas límpidas, d’asas e asas rumorejantes, aflantes, cujo suave e ciciante ruído eu na Imaginação escutava enlevado...

E a doce Mater, mais calma, numa unção de bemaventurança, numa auréola deífica, serenada já da dor profunda da Maternidade, parecia penetrada de um sentimento celeste, de fluidos virtuais do grande Amor, de resignada piedade – água lustral, da maternal paixão, que a lavava do mal do torturante pecado, purificando a sua alma simples, iluminando-a toda com o altivo esplendor de uma força heróica.

Lembrava uma dessas excelsas Divindades espirituais, a Entidade das Abstrações dos reclusos místicos, Aparição imortal, cuja face, no resplendor translúcido daquele sofrimento regenerante, tinha para mim o encanto mais alto, a ternura mais bela, a abnegação mais serena.

Sentia-me diante de completa Religião nova que evangelizava a Crença naquela Mãe e naquele Filho – inteira Religião nova, cujos rituais e cultos eternos eram para mim agora esses dois seres extremadamente amados, cujo sangue irradiava no meu sangue, cuja vida penetrava na minha vida, inoculando-a de um júbilo e de uma graça profética – graça de Anjos e Astros em claridades, músicas e cânticos, por fios sutis de múltiplas cordas d’harpas, d’harpas e harpas, dentre os Azuis e as Constelações...

Ao mesmo tempo sentia então que profundos e penetrantes frêmitos me abalavam, me convulsionavam todo, como se se operassem no meu organismo transformações recônditas, gerando uma outra alma, trazendo-me sede insaciável da Vida, o ressurgimento de estesia particular e rara.

Força estranha, que eu até aí não conhecia, circulava com veemência nos meus nervos, dava-lhes tensibilidade e vibratilidade mais leves, mais finas; e, grandes asas diáfanas de Aspiração e Sonho, alavamme às supremas serenidades da Piedade e do Amor.

O desejo que me clamava dentro do peito, em claras trompas guerreiras, numa onda sonora e impetuosa, era o de ir além, fora, longe do tédio das cidades murmurejantes, longe das curiosidades indiscretas, dos indiferentes e frívolos, das sentimentalidades aparatosas, dos enternecimentos calculados, decorativos e clássicos, das expansões d’estilo, ornamentais como corpos em tatuagem, de tudo o que grulha e reina na boçalidade majestática da espécie humana.

O meu desejo indômito era de ir além, fora das brutas portas de pedra da Região dos Egoísmos, gritar, gritar, clamar, livremente, à natureza virgem, aos campos, às florestas, aos mares, às ululantes tempestades, aos sóis em febre, às noites triunfais, coroadas d’estrelas, aos ventos coroados de pesadelos, que esse Filho extravagantemente amado nascera, que surgira enfim do mistério sonâmbulo da Maternidade...

A ansiedade que me agitava, levantando dentro de mim o desconhecido, convulsionando este organismo num incêndio de sensação, era de deprecar ao Indefinido das Cousas, ao Abstrato das Formas, ao Intangível do Espírito, à Eloqüência dos Presságios, para que me dissessem o que ia ser desse frágil obscuro, dessa tímida flor da Desgraça, o que ia ser daqueles membros tenros, débeis; que estupendos augúrios dormiriam no brilho fugitivo daqueles olhos inconscientes, perdidos no vago de um fluido sentimento, sob o fundo fatal das impurezas da Carne, das inquietações do Pecado – germens latentes ainda, apesar do desdobramento milenário das eras, da absoluta e primitiva Culpa humana.

Ansiava que me dissessem que mágicos filtros de gnomos da Noite o predestinariam; que frêmitos de desejo convulsionariam essa boca ainda tão impoluta, sã, ainda sem laivos visguentos; que luxúria intensa e nova inflamaria, acenderia centelhas nessa boca úmida, fresca, viçosa, apenas entreaberta já num indefinido anelo, sedenta, inquieta, impaciente, ávida já da instintiva volúpia do leite...

Todo o evocativo estremecimento das saudades, das esperanças, das alegrias, das lágrimas me invadia a alma num sonho esquisito, exótico, oriental, por entre os nardos quentes, perturbadores e magnéticos, da Abissínia e da Arábia Ideal de todos os meus pensamentos fugidios, circulando, girando, torvelinhando, como silfos procriadores, em torno àquela meiga e venerada cabeça.

Eu ficava absorto, contemplativo ante as sugestões delicadas que o supremo fenômeno trazia, nessa manifestação singular de curiosidades de preciosas revelações ingênitas e caprichos ignotos da Natureza, sentindo que o Filho poderosamente me fascinava, que a mais irresistível atração me chamava para ele, atração vital, imediata, eterna, do sangue comunicativo e fraterno que clama pelo sangue fraterno.

Ela, afetiva Sacrificada, Mater, dolorosamente aí ficaria na terra, gravitando nos centros nervosos da Vida, – Sombra divina e errante! – para o futuro, para a obscuridade, para a velhice, para o silêncio e esquecimento dos tempos...

Ele, Filho, surgindo das nebulosidades da Matéria, caminhando, caminhando à Via-Sacra das horas e dos dias pelas ermas e infinitas encruzilhadas dos Destinos, iria então, resignado ou desesperado, para o Vilipêndio ou para as medíocres conquistas do Mundo, através dos conclamadores Anátemas, através dos lancinamentos inconcebíveis, através das taciturnidades melancólicas, através de tudo, tudo, tudo o que chora d’alto, profunda e apocalipticamente, o Requiem solene, a soberana majestade, tremenda, trágica, da imponderável Dor!...

**BALADA DE LOUCOS** *(Evocações)*

Oui, nulle souffrance ne se perd, toute douleurfructifie, il en reste un arome subtil qui se répand indefiniment dans le monde!

M. DE VOGUÉ

Mudos atalhos afora, na soturnidade de alta noite, eu e ela, caminhávamos.

Eu, no calabouço sinistro de uma dor absurda, como de feras devorando entranhas, sentindo uma sensibilidade atroz morder-me, dilacerar-me.

Ela, transfigurada por tremenda alienação, louca, rezando e soluçando baixinho rezas bárbaras.

Eu e ela, ela e eu! – ambos alucinados, loucos, na sensação inédita de uma dor jamais experimentada.

A pouco e pouco – dois exilados personagens do Nada – parávamos no caminho solitário, cogitando o rumo, como, quando se leva a enterrar alguém, as paradas rítmicas do esquife...

Eram em torno paisagens tristes, torvas, árvores esgalhadas nervosamente, epilepticamente – espectros de esquecimento e de tédio, braços múltiplos e vãos sem apertar nunca outros braços amados!

Em cima, na eloqüência lacrimal do céu, uma lua de últimos suspiros, morta, agoniadamente morta, sonhadora e niilista cabeça de Cristo de cabelos empastados nos lívidos suores e no sangue negro e esverdeado das letais gangrenas.

Eu e ela caminhávamos nos despedaçamentos da Angústia, sem que o mundo nos visse e se apiedasse, como duas Chagas obscuras mascaradas na Noite.

Longe, sob a galvanização espectral do luar, corria uma língua verde de oceano, como a orla de um eclipse...

O luar plangia, plangia, como as delicadas violetas doentes e os círios acesos das suas melancolias, as fantasias românticas de sonhador espasmado.

Parecia o foco descomunal de tocheiros ardendo mortuariamente.

A pouco e pouco – dois exilados personagens do Nada – parávamos no caminho solitário, cogitando o rumo, como, quando se leva a enterrar alguém, as paradas rítmicas do esquife...

Beijos congelados, as estrelas violinavam a sua luz de eternidade e saudade.

E a louca lúgubres litanias rezava sempre, soluços sem o limitado do descritível dor primeira do primeiro ser desconhecido, originalidade inconsciente de um dilaceramento infinitamente infinito.

Eu sentia, nos lancinantes nirvanescimentos daquela dor louca, arrepios nervosos de transcendentalismos imortais!

O luar dava-me a impressão difusa e dormente um estagnado lago sulfurescente, onde eu e ela, abraçados na suprema loucura, ela na loucura do Real, eu na loucura do Sonho, que a Dor quintessenciava mais, fôssemos boiando, boiando, sem rumos imaginados, interminamente, sem jamais a prisão do esqueleto humano dos organismos – almas unidas, juntas, só almas vogando, almas, só almas gemendo, almas, só almas sentindo, desmolecularizadamente...

E a louca rezava e soluçava baixinho rezas bárbaras.

Um vento erradio, nostálgico, como primitivos sentimentos que se foram, soprava calafrios nas suas velhas guslas.

De vez em quando, sobre a lua, passava uma nuvem densa, como a agitação de um sudário, a sombra da asa de uma águia guerreira, o luto das gerações.

De vez em quando, na concentração esfingética de todos os meus sofrimentos, eu fechava muito os olhos, como que para olhar para o outro espetáculo mais fabuloso e tremendo que acordava tumulto dentro de mim.

De vez em quando um soluço da louca, vulcanizada balada negra, despertava-me do torpor doloroso e eu abria de novo os olhos.

E outro soluço, outro soluço para encher o cálix daquele Horto, outro soluço, outro soluço.

E todos esses soluços parecia-me subirem para a lua, substituindo miraculosamente as estrelas, que rolavam, caíam do Firmamento, secas, ocas, negras, apagadas, como carvões frios, porque sentiam, talvez!

que só aqueles obscuros soluços mereciam estar lá no alto, cristalizados em estrelas, lá no Perdão do Céu, lá na Consolação azul, resplandecendo e chamejando imortalmente em lugar dos astros.

A pouco e pouco – dois exilados personagens do Nada – parávamos no caminho solitário, cogitando o rumo, como, quando se leva a enterrar alguém, as paradas rítmicas do esquife...

O vento, queixa vaga dos túmulos, esperança amarga do passado, surdinava lento.

De instante a instante eu sentia a cabeça da louca pousada no meu ombro, como um pássaro mórbido, meiga e sinistra, de uma doçura e arcangelismo selvagem e medroso, de uma perversa e febril fantasia nirvanizada e de um sacrílego erotismo de cadáveres. Ficava tocada de um pavor tenebroso e sacro, uma coisa como que a Imaginativa exaltada por cabalísticos aparatos inquisitoriais, como se do seu corpo se desprendessem, enlaçando-me, tentáculos letárgicos, veludosos e doces e fascinativos de um animal imaginário, que me deliciassem, aterrando...

Eu a olhava bem na pupila dos grandes olhos negros, que, pela contínua mobilidade e pela beleza quente, davam a sugestão de dois maravilhosos astros, raros e puros, abrindo e fechando as chamas no fundo mágico, feérico da noite.

Naquela paisagem extravagante parecia passar o calafrio aterrador, a glacial sensação de um hino negro cantado e dançado agoureiramente por velhas e espectrais feiticeiras nas trevas...

A lua, a grande mágoa requintada, a velha lua das lágrimas plangia, plangia, como que na expressão angustiosa, na sede mais cega, na mais latente ansiedade de dizer um segredo do mundo...

E eu então nunca mais, nunca mais me esquecerei daqueles ais terríveis e evocativos, daquelas indefiníveis dolências, daquela convulsiva desolação, que sempre ungentemente badalará, badalará, badalará na minh’alma dobres agudos e lutuosos de uma Ave-Maria maldita de agonias, como se todos os bons Anjos da Mansão se rebelassem um dia contra mim, cantando em coro reboantes, conclamantes hosanas de perseguição e de fel!

Nunca! nunca mais se me apagará do espírito essa paisagem rude, bravia, envenenada e maligna, todo aquele avérnico e irônico Pitoresco lúgubre, por entre o qual silhueticamente desfilamos, eu, alucinado num sonho mudo, ela, alienada, louca – simples, frágil, pequenina e peregrina criatura de Deus, abrigada nos caminhos infinitos deste tumultuoso coração.

Só quem sabe, calmo e profundo adormecer um pouco com os seus desdéns serenos e sagrados pelo mundo e escutar já, de manso, através das celas celestes do mistério das almas, uma dor que não fala, poderá exprimir a sensação aflitíssima que me alanceava...

Ah! eu compreendia assim os absolutos Sacrifícios que redimem, as provações e resignações que transfiguram e renovam o nosso ser! Ah! eu compreendia que um Sofrimento assim é um talismã divino concedido a certas almas para elas adivinharem com ele o segredo sublime dos Tesouros imortais.

Um Sofrimento assim despertava em mim outras cordas, fazia soar outra obscura música. Ah! eu me sentia viver desprendido das cadeias banais da Terra e pairando augustamente naquela Angústia, tremenda, que me espiritualizava e disseminava nas Forças repurificantes da Eternidade!

E como dentro de mim estava aberto para ela o suntuoso altar da Piedade e da Ternura, eu, com supremos estremecimentos, acariciava essa alucinada cabeça, eu a levantava sobre o altar, acendia todas as prodigiosas e irisantes luzes a esse fantasma santo, que ondulava a meu lado, no soturno e solene silêncio de fim daquela sonâmbula peregrinação, como se ambos os nossos seres formassem então o centro genésico do novo Infinito da Dor!